

Dois mestres de Antigo Testamento em Coimbra

Frei Heitor Pinto e Paulo de Palácios e Salazar

Trata-se evidentemente da Coimbra e da sua universidade quinhentista, onde não se professava explicitamente Filologia Clássica nem Semítica, mas se manuscavam familiarmente os clássicos e os Padres da Igreja e se conheciam com esmero as línguas orientais mais em voga nessa época. Acádico, Egípcio, Sumério, Hitita e Ugarítico só muito mais tarde ocupariam o seu lugar no panteão das línguas orientais antigas. Mas lia-se a Bíblia no original hebraico, cotejado com as paráfrases aramaicas dos Targumes. Portugal contava então com hebraístas e exegetas de grande nível e não se vê por que azares da sorte só o dominicano Francisco Foreiro, dos cristãos, foi parar à *Encyclopaedia Judaica*¹.

Manuel Augusto Rodrigues veio de novo chamar a atenção para a investigação científica dos exegetas de Coimbra². A recensão desta obra já me ofereceu ocasião de salientar alguns contributos válidos dos lentes dessa universidade para a ciência do Antigo Testamento³. Três nomes sobressaem facilmente: Paulo de Palácios e Salazar (1560-1566), Frei Luís de Sotomaior (1567-1589) e Frei Heitor Pinto (1576-1580). Aos dois primeiros referi-me sumariamente na recensão, com base nos poucos exemplos elencados pelo autor. Ocorre agora a apresentação de Heitor Pinto, a criar apetite a uma investigação mais cuidada da sua vasta obra exegetica, e o aprofundamento das intuições de Palácios e Salazar no que tem de mais moderno.

¹ *Encyclopaedia Judaica*, VI, Jerusalém 1971, p. 430.

² M. AUGUSTO RODRIGUES, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra. Primeiro Século (1537-1640)*. Coimbra 1974.

³ Cf. *Didaskalia* 5 (1975) 422-426.

HEITOR PINTO aponta as duas possíveis leituras de מתי (Is 41, 14), que ainda é problema para os críticos actuais: com *xewa* significaria «homens» (מתי) e «mortos» com *sere* (מתי)⁴. A Vulgata seguiu esta última acepção (*qui mortui estis*) e com ela o rolo de Isaías de Qumran (1 Q Is^a: מתי), Áquila (τεθνεκῶτες) e Teodocião (οἱ νεκροί). A solução perfilhada por Francisco Foreiro e muitos modernos é dar à palavra o significado de «pequeno grupo», normal em ligação com משפר, «número», ou מעט, «pouco»⁵.

O maior problema filológico de Is 41, 21b é a palavra עצמותיכם, que a Vulgata traduz por *si quid forte habetis*. Heitor Pinto afasta-se dessa versão e traduz por «argumentos»: «Afferte firmanenta vestra»⁶. E nisto coincide com um dos mais modernos e mais profundos comentadores de Isaías⁷.

O rigor científico do exegeta de Coimbra mostra-se ainda em Ez 17, 3, onde confronta cuidadosamente o TM com os LXX, uma coisa que nem todos os modernos fazem⁸. Os alexandrinos lêem πλήρης ὀνύχων, «cheia de unhas», enquanto o TM traz מלא הנוצה, «cheia de penas», «ac si diceret: Haec aquila erit rapacissima. Nabuchodonosoris tyrannidem significat»⁹. A respeito de

⁴ H. PINTO, *Opera omnia*, I, Lião 1584, p. 214. Nesta edição das Obras Completas de Heitor Pinto agrupam-se os comentários bíblicos com a *Imagem da Vida Cristã*, igualmente em latim, nesta distribuição: tomo primeiro — Comentários a Isaías e às Lamentações de Jeremias; tomo segundo — Comentário a Ezequiel; tomo terceiro — Comentários a Daniel e a Naum; tomo quarto — Imagem da Vida Cristã. A edição de Paris 1617 conserva a distribuição.

Para fazer uma ideia do êxito internacional da exegese de Heitor Pinto, é preciso lembrar as sucessivas edições das suas obras: *In Isaiam Commentaria*, Lião 1561, Antuérpia 1567, Colónia 1572, Salamanca 1581, Antuérpia 1584, etc.; *In Ezechielem Prophetam Commentaria*, Salamanca 1568, Antuérpia 1570, Salamanca 1574, Lião 1581, *Ibid.*, 1584, Colónia 1615, etc.; *In divinum vatem Danielem Commentaria*, Coimbra 1579, *Ibid.*, 1582, Colónia 1582, Veneza 1583, Antuérpia 1585, etc.; *In Prophetiae Ieremiae Lamentationes*, Coimbra 1579; *In divinum Nahum Commentarii*, Coimbra 1579, Colónia 1582.

Conservam-se ainda em manuscrito apostilas de Zacarias, Miqueias e Malaquias e, segundo Barbosa Machado, aos Salmos 1-10 e XII Profetas Menores. Cf. M. AUGUSTO RODRIGUES, *o. c.*, pp. 270-285.

⁵ F. FOREIRO, *Iesaiæ prophetæ vetus et nova ex Hebraico versio cum commentario*, Veneza 1563, fol. 143; cf. K. ELLIGER, *Jesaja II* (BK XI/2), Neukirchn-Vluyn 1971, pp. 146, 149-150.

⁶ H. PINTO, *o. c.*, I, 214.

⁷ K. ELLIGER, *o. c.*, p. 171: «eure Beweise».

⁸ Por exemplo, F. SPADAFORA, *Ezechiele* (SBG VIII/2), Torino-Roma 1950, p. 140.

⁹ H. PINTO, *o. c.*, II, 166.

צִמְרָה aponta a versão de Pagnino («electa») e a dos LXX (τὰ ἑπιλεκτά), mas acrescenta que para D. Kimhi e para R. Salomão **צִמְרָה** é a parte mais alta da ramagem¹⁰. É o sentido de «la cima» (F. Spadafora) e «Wipfel» (W. Zimmerli).

Preocupação filológica transparece no comentário a Lam 2, 6, onde Heitor Pinto apresenta nada menos de seis significados para o verbo hebraico **חָמַס**: «dissipare» («quam explicationem secutus est noster interpres»), «rapere», «spoliare», «contemnere», «laedere», «perdere»¹¹.

A raiz **יָעַד** «significat convenire, congregare, constituere tempus». Os LXX traduzem o substantivo derivado **מוֹעֵד** por ἐορτήν, «id est, festivitatem eius»¹².

Dão-se nove significados para **נָאֵר** (Lam 2, 7): «maledicere, eiicere, antiquare, abrogare, relinquere, evertere, auferre a corde»¹³. Pedro de Figueiró, mais exímio, confronta esta passagem com Sl 89, 40, onde ocorre o mesmo verbo¹⁴.

Heitor Pinto observa que em Na 2, 4 os LXX entenderam a palavra **אָדָם** por «homem», mas o hebraico também pode significar «rutolare», «rubere». E assim traduz: «clypeus fortium eius rubicundus»¹⁵. No que é seguido por quatro boas versões modernas:

«Le bouclier de leurs héros est teint de rouge» (E. Dhorme, Pléiade);

«Les boucliers de ses preux rougoient» (BJ);

«The shields of their warriors are gleaming red» (NEB);

«Seiner Recken Schild ist blutrot» (F. Horst, HAT).

Em Dan 6, 2 a versão grega de Teodocão é mais fiel à fraseologia aramaica do que a Vulgata. Ἦρσαν ἐνώπιον corresponde mais literalmente a **שָׁפַר קָדָם** que simplesmente *placuit*. Mas, acrescenta

Heitor Pinto, a Vulgata «recte expressit hunc Hebraismum»¹⁶. E divaga sobre **קָדָם** (no aramaico de *Daniel* **קָדָם**, «mutatis punctis»),

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ H. PINTO, o. c., III, 36. Note-se que no tomo III há duas paginações: uma para *Daniel* e outra para *Lamentações e Naum* (em conjunto), a seguir a *Daniel*.

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*, p. 37.

¹⁴ P. DE FIGUEIRÓ, *Overum* (Commentarii in XXV priores Psalmos, in *Prophetias et Lamentationes Ieremiae et in XII Prophetas Minores*), Lião 1616, p. 440.

¹⁵ H. PINTO, o. c., III, 96.

¹⁶ *Ibid.*, p. 138.

afirmando que **קדם** tem sentido temporal e espacial: «significat antiquitatem, initium, Orientem»¹⁷. O sentido temporal de **קדם** em Gn 2, 8 («em tempos primordiais») adoptado pela Vulgata e pelo Targum ao lado do «a oriente» dos LXX (κατὰ ἀνατολάς) foi recentemente defendido por um linguista consumado¹⁸.

A crítica textual de Heitor Pinto é pobre. Procura-se mais entender o TM que discuti-lo. Aduzem-se para isso as versões antigas. Mas a crítica textual não está ausente das preocupações do frade jeronimita, como se vê da observação sobre o texto da Vulgata em Is 41, 19: uns códices lêem *spinam*, outros *pinum*¹⁹. Qual será a melhor lição não o diz.

Não se pode dizer que o comentário de PAULO DE PALÁCIOS E SALAZAR aos Profetas Menores seja de grande fôlego. Consequentemente, são escassas as notas de Filologia Hebraica. Escassas, mas preciosas, enquanto mostram em germe o actual método histórico-filológico. A História ainda está mais ausente, como era de esperar numa época em que predominava a Filologia. Mas não falta inteiramente. A propósito de Os 12, 12, Palácios cita Gn 25 e Ex 1 e identifica o perseguidor dos hebreus com o faraó Amenófis²⁰. Noutro ponto resume a história da Assíria, mencionando os imperadores Tiglat-Pileser (III?), Salmanassar (V), Senaquerib e Assurbanípal, a quem chama Sardanapalo. Segundo Heródoto, os Assírios teriam dominado a Ásia durante quinhentos e vinte anos. Para S. Justino o império assírio durou mil e trezentos anos. Outra autoridade daria mil quatrocentos e oitenta e três anos até Sardanapalo²¹.

Amós, profeta, não é para confundir com o pai de Isaías, como já observara S. Jerónimo. Embora em latim ambos os nomes tenham a mesma grafia, em hebraico são duas palavras distintas, cada qual com o seu sentido. Amós «não fora antes profeta nem filho de profeta, isto é, não pertencera ao colégio dos homens religiosos que davam pelo nome de profetas ou filhos de profetas...

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ W. F. ALBRIGHT, *Yahweh and the Gods of Canaan*, London 1968, p. 85: «in primeval times».

¹⁹ H. PINTO, *o. c.*, I, 214.

²⁰ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *In XII Prophetas quos minores vocant commentarius cum indice rerum*, Colónia 1583, p. 48.

²¹ *Ibid.* p. 60.

mas nasceu e foi educado entre os que apascentavam os rebanhos na região de Tecoá»²². Aqui está a conjugar Am 1, 1 com 7, 14, embora o não diga.

A distinção de duas cidades de Belém, uma em Judá e outra na Galileia, é que levou Miqueias a chamar à primeira «Belém de Efrata» num célebre oráculo messiânico (Miq 5, 1)²³. Isto é atender à geografia da Palestina.

A propósito de Jon 1 cita o «doctus Forerius», segundo o qual Tarsis é a Tartesso da Espanha²⁴.

Na discussão filológica de Miq 5, 1 é Palácios menos brilhante que Pedro de Figueiró. O «Hebreu» de Coimbra não cita apenas S. Jerónimo, R. David e R. Salomão, mas aduz literalmente o Targum: מִן־קָדְמֵי יְפוֹק מְשִׁיחָא לְמַהְרֵי עֲבָח שׁוֹלְטֵן יִשְׂרָאֵל

Alguns entendiam o מוֹצְאוֹתָיו do mesmo oráculo como se fosse singular. Mas a forma é plural («saídas») e de modo nenhum pode significar a processão eterna do Filho. Trata-se de operações «ad extra», «ut nostri loquuntur», em que Deus sai criando e governando as criaturas. E como o substantivo hebraico não deriva da forma *qal* (o que daria יֵצֵאוֹתָיו), mas do *hiphil*, há mais o sentido de «fazer sair» que o de «sair»²⁵.

No entanto, a Filologia e a Crítica Textual de Palácios não são despidiendas. O lente de Coimbra nem sempre se conforma com a versão de S. Jerónimo, pois lê o Antigo Testamento no original hebraico.

A divergência entre a Vulgata e o TM pode ser mínima e reduzir-se à vocalização das consoantes originais, como em Os 11, 7. A Vulgata lê: *iugum autem imponetur ei simul*. O TM traz qualquer coisa como «Ad Deum vocaverunt eum simul». «Mas no tempo de S. Jerónimo em vez de על al, que significa Deus, lia-se על ol, que significa jugo. E a lição antiga era 'chamaram-no ao jugo'»²⁶.

Dum modo algo simplista, Palácios reduz a dificuldade textual à vocalização de על. E opta pela lição suposta pela Vulgata.

²² *Ibid.*, p. 75: «Porro noster Amos non fuit olim prophet, aut filius prophetae, id est, non fuit ex collegio religiosorum, qui prophetae, et filii prophetae nominabantur... Non erat ex iis noster Amos: sed natus, et educatus fuerat inter eos, qui pecora pascebant in regione Tecuae».

²³ *Ibid.*, pp. 442-447.

²⁴ *Ibid.*, p. 125.

²⁵ Cf. P. DE FIGUEIRÓ, *Commentarii in Michaeam*, em *Operum*, II, 363-366.

²⁶ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *o. c.*, p. 44.

Os exegetas modernos têm mais dificuldade em restituir o texto, chegando mesmo a desistir, por considerarem desesperada qualquer tentativa²⁷. E. Sellin propôs que se lesse בעל, Baal, de que restaria apenas על. É a solução adoptada no Biblischer Kommentar²⁸. J. L. Mays transfere יהא de complemento para sujeito da oração seguinte e traduz: «but he does not raise them up at all»²⁹.

A situação do texto de Oseias em geral e do c. 11 em particular é deveras complicada. Os LXX leram אל על (Θεὸς ἐπὶ) pelo actual אל על. Mas Áquila (πρὸς ζυγόν), Símaco (ζυγὸς δέ) Teodociação (εἰς ζυγόν) e a Vulgata (*iugum autem*) supõem a vocalização על, seguidos pelo comentador do International Critical Commentary³⁰. Palácios apontou um lugar que exige discussão textual, embora não lhe notasse toda a complexidade. E nisto já tem mérito.

A Vulgata é sempre o ponto de partida. Até na divisão do texto. Em Os 12, 1 (Vg 11, 12), a discussão resume-se ao confronto do texto hebraico corrente com a versão de S. Jerónimo:

«Note-se que os nossos intérpretes lêem 'ainda' em vez de 'testemunha'. É que a palavra ad ער com um *a*, como lêem os nossos, significa 'até'. E a mesma palavra com um *e*, como lê S. Jerónimo, significa 'testemunha'»³¹.

Os modernos preferem geralmente o TM³², cujas consoantes não diferem, aliás, das que a Vulgata supõe.

Ainda em Oseias (6, 11) o TM não concorda inteiramente com a Vulgata. Palácios limita-se a confrontar. Mas de novo põe o dedo numa chaga real³³.

²⁷ G. FOHRER, *Die Propheten des Alten Testaments, I: Die Propheten des 8. Jahrhunderts* Gütersloh 1974, p. 66: «Der Text der letzten Halbzeilen (a partir de v. 7) ist so schwer gestört, dass er sich nicht wiederherstellen lässt».

²⁸ H. W. WOLFF, *Dodekapropheten, I*, (BK XIV/1), Neukirchen-Vluyn 1965, p. 246: «Zum 'Baal' ruft man», lendo יְקִרְאוּ הוּא pelo TM יְקִרְאוּ הוּא.

²⁹ J. L. MAYS, *Hosea* (OTL), London 1969, p. 150.

³⁰ W. R. HARPER, *Amos and Hosea* (ICC), Edinburgh 1966, p. 367: «unto the yoke (i. e. captivity) Yahweh will appoint them».

³¹ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *o. c.*, p. 45.

³² Cf. H. W. WOLFF, *o. c.*, p. 266; J. L. MAYS, *o. c.*, p. 159.

³³ Cf. BH³ ad loc.; G. FOHRER, *o. c.*, p. 74 corrige קִצִּיר, «messe» para שְׂקוּצִים, «ídeos»: «Er hat 'sich Kultbilder' aufgestellt»; W. R. HARPER, *o. c.*, p. 291 limita-se a vocalizar ptc. pss. שֶׁת por שֶׁת «pós»: «is set a harvest». É a solução de J. L. MAYS, *o. c.*, p. 99: «for you a harvest is set».

A divergência textual pode provir da confusão de letras semelhantes, como o ב e o כ. É o que acontece em Os 10, 15b (Vg 11, 1), em que o TM lê בַּשֵּׁחַר («in mane») e a Vulgata *sicut mane* (= LXX):

«Há uma grande semelhança entre a letra *b* ב, que significa ‘em’, e a letra *c* כ, que significa ‘como’»³⁴.

Em Sof 3, 8 lemos *in futurum* na Vulgata e לְעֵד no TM.

Adverte Palácios que a mesma palavra tem vários sentidos, conforme a vocalização. עֵד com *e* significa «testemunha» (LXX), com *a* longo «despojos» e com *a* breve «tempo longo» (Vg). E acrescenta:

«Assim lê S. Jerónimo, em cujo tempo a Bíblia sagrada não tinha vogais. Penso que a versão de S. Jerónimo é exactíssima (verissimam)»³⁵.

É uma crítica textual rudimentar. A Vulgata serve de termo de comparação e não impõe o seu texto. Mas vê-se a relutância em a abandonar ou tomar posição demasiado livre contra ela. A veneração excessiva da Vulgata terá influenciado a aceitação de Sir 24, 34, que só existe na Vulgata. Palácios bate-se pela sua autenticidade:

«Esta frase não vem no Grego. Como, porém, o Concílio de Trento manda ter também esta parte como canónica, temo-la como canónica»³⁶.

A dogmática abafou a crítica legítima. A perspicácia de Palácios não foi muito feliz. Menos de duas décadas antes, Francisco Foreiro mantivera uma posição mais sensata a respeito da autoridade da Vulgata³⁷.

De resto, o lente de Coimbra não conhece apenas a Vulgata entre as versões antigas. Conhece as principais versões gregas. E assim apela para a autoridade dos LXX, de Símaco e de Áquila, ao lado de S. Jerónimo, para manter a tradução de בֹּקֶק por «frondosa» em Os 10, 1. Não se devem seguir os que propõem

³⁴ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, o. c., p. 42.

³⁵ *Ibid.*, p. 198; BH³ manda ler לְעֵד com LXX e Siríaco.

³⁶ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *In Ecclesiasticum commentarius pius et doctus*, Vila Verde dos Francos 1581, p. 142: «Haec clausulam Graeca non habent. (...) Cum autem Concilium Tridentinum iubeat hanc etiam parculam, ut canonicam haberi, ut canonicam habemus».

³⁷ Cf. J. NUNES CARREIRA, *Filologia e Crítica de Isaías no Comentário de Francisco Foreiro (1522-1581)*. Subsídios para a História da Exegese Quinhentista. Coimbra 1974, dp. 95-108.

«vazia»³⁸. Os tradutores modernos aproximam-se do significado proposto por Palácios: «envahissante» (Dhorme), «luxuriante» (BJ), «verwildernder» (Fohrer).

Versões antigas enfileiram ao lado de dicionários modernos quando se trata de identificar a planta que dava sombra ao pobre Jonas (Jon 4, 6), cansado de pregar e ansioso por assistir ao espectáculo de Nínive a arder. Os LXX traduziram קיקיון por «abóbora», Símaco, Áquila e Teodocião por «hera». Mas não é uma coisa nem outra. Basta consultar os dicionários para ver que é o «rícin», em espanhol «figuera del inferno». No entanto, Pagnino e Munster traduzem por «abóbora». Mas para o efeito tanto faz uma tradução como outra³⁹.

A análise filológica do texto hebraico é justamente considerada por Palácios como preliminar à interpretação. Assim no comentário a Os 13, 13-15:

«Antes que eu explique o texto, ouçam-se algumas observações, de que depende a recta interpretação. Primeiro, *contritione filiorum* é para os hebreus מִשְׁבַּר בָּנִים, misbar banim, que significa 'parto dos filhos'. Por conseguinte, o parto chama-se aperto, porque se aperta a vulva. (...) Terceiro, *inter fratres dividet* é em hebraico 'frutificará entre os irmãos'. Mas o sentido é o mesmo. (...) Quarto, *ventum urentem* é em hebraico קָדִים רוּחַ qadim ruach, isto é, 'vento oriental'»⁴⁰.

É exacta a versão de קָדִים por «oriental». Mas só com grande dose de boa vontade se dirá que «frutificar» tem o mesmo sentido de «dividir». No fundo, era preciso salvar a Vulgata.

A primeira expressão traduz-se bem por «dores de parto»⁴¹. Palácios não quis ver que «dividir» e «frutificar» não são a mesma coisa. E não foi capaz de ver que por detrás da Vulgata está uma lição variante. S. Jerónimo leu, como os LXX (διαιτελεῖ) de פָּרַד, «dividir». O TM tem יִפְרִיא, de פָּרָא «ser fértil». São duas palavras hebraicas semelhantes e prestam-se a confusão. O que o exegeta coimbrão não podia saber era que o trecho não fala em «irmãos». אָרְן significa «canavial», aqui como em Gn 41, 3.18; Job 8, 11. Mas só a partir dos primeiros anos da década de 30,

³⁸ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *In XII Prophetas...* p. 38.

³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 136.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 51.

⁴¹ Cf. H. W. WOLFF, *o. c.*, p. 266; J. L. MAYS, *o. c.*, p. 178.

quando se decifrou o Ugarítico, foi possível tal identificação. E mal se entende a referência a «irmãos», como observa um comentador recente:

«Hosca does not use the name Ephraim for one tribe among the others, but for the contemporary northern kingdom»⁴².

Este autor introduz uma ligeira correcção textual, que consiste em dividir doutra maneira as letras do texto consonântico. Em vez de **אחים יפריא** (TM) lê **אחו מפריא**, transformando o imperfeito em participio. E traduz:

«Though he were to flourish midst rushes»⁴³.

O sentido é satisfatório. «Embora Efraim (que deve ser o antecedente de 'ele') devesse crescer como plantas que crescem no meio de canaviais, em que abunda a água, Javé secá-lo-á apesar disso com o seu vento de castigo»⁴⁴.

Mesmo sem esta alteração, que por não tocar nas consoantes hebraicas não o chega a ser, o texto fala de florescer entre canaviais. É ver a tradução do *Biblischer Kommentar*:

«Ja, während er zwischen Riedgras gedeiht»⁴⁵.

No entanto, há quem mantenha ainda a acepção de «irmãos»⁴⁶, o que parece menos provável.

Palácios estava longe de todas estas discussões. Via apenas um problema de versão, tal como em Os 14, 9. A Vulgata não parece corresponder ao TM. Mas **ואשרני** significaria *dirigam eum* (Vg), na opinião de Kimhi⁴⁷.

Na realidade, o problema é mais fundo e não reside a nível de versão. O que está em causa é a transmissão textual. A Vulgata supõe **ואאשרני**, «mantenho-o no caminho direito». O TM pode-se traduzir por «eu atendo-o e olho por ele»⁴⁸. Mas não agrada aos críticos, que propõem diversas emendas. J. Wellhausen foi o

⁴² J. L. MAYS, *o. c.*, p. 183.

⁴³ *Ibid.*, p. 179.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 183; W. R. HARPER, *o. c.*, p. 402 emenda para **מים אחו** «reedgrass in the midst of water» (p. 406) e vê no «frutificar» (**פרא**) um jogo com a palavra «Efraim» (**אפרים**), como em Os 14,8 e Gn 49,22.

⁴⁵ H. W. WOLFF, *o. c.*, p. 286; cf. BJ.

⁴⁶ G. FOHRER, *o. c.*, p. 86, n. 63 considera o inciso como glosa; A. DEISSLER, *Les petits prophètes*, I. (SBPC VIII/1), Paris 1961, p. 122 e E. DHORME (Pléiade) mantém a pouco provável acepção de «irmãos».

⁴⁷ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *In XII Prophetas...* p. 55.

⁴⁸ Cf. H. W. WOLFF, *o. c.*, p. 300.

mais ousado: **עָנֹתִי וְאַשְׁרָתִי** «(eu sou) a sua Anat e a sua Ashera»⁴⁹. Nyberg restitui a partir dos LXX: **וְאַשְׁרָתִי**, «eu venço-o». Driver pensa na raiz **שָׂרַר**: **וְאַשְׁרָרְנִי**, «eu firmo-o»⁵⁰. J. L. Mays lê (o. c., p. 184) com Köhler-Baumgartner **וְאַאֲשָׁרְנִי**, «and make him happy».

Não admira que Palácios tenha esbarrado nesta passagem. Só foi pena que não tivesse visto o nó da questão. Mas não esqueçamos que nos separam dele cerca de quatro séculos. Nessa altura, imperava a Filologia, ao serviço da recta compreensão do texto.

O cântico de Habacuc termina na Vulgata com *victor in psalmis canentem* (Hab 3, 19). Em hebraico seria **לְמִנְצַח נְיִנּוֹת**. Mas no TM a segunda palavra é ligeiramente diferente: **נְיִנּוֹתַי**. Eis as observações de Palácios:

«Estas duas palavras exigiriam um longo tratado. Eu, porém, direi apenas uma palavra a respeito delas. Seuchus (à margem Eugubi) lembra sobre o Sl 18 que no tempo de David havia cantores para cantarem a melodia dos salmos editados por David. A estes chamavam **מְנַצְחִים** Menasechim. Entre eles estava o cantor, segundo creio, a quem nós chamamos mestre de capela, para os hebreus **מְנַצֵּחַ** Menaseach»⁵¹.

Em Hab 3, 1 não há acordo no sentido de **שְׁנִינּוֹת**, observa o lente de Coimbra. Os modernos (do século xvi) vêem aí um instrumento musical, porque no Sl 7 **שְׁנִינּוֹן** tem esse sentido. Palácios entende que **שְׁנִינּוֹת**, sigonoth (*sic*) está bem traduzido por *pro ignorantis* (Vg). Autoridades como Áquila, Símaco, Pagnino e Vatable corroboram a versão de S. Jerónimo⁵².

O cântico de Habacuc é marcado por três **סֵלַח** (Hab 3, 3. 9. 13), um termo técnico musical de significado incerto ainda hoje. Palácios conhecia as versões antigas: «diápsalma» (LXX), «in aeternum»

⁴⁹ G. FOHRER, o. c., p. 89 segue esta emenda.

⁵⁰ Cf. H. W. WOLFF, o. c., p. 302.

⁵¹ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *In XII Prophetas...* p. 188: «Quae duo verba longum tractatum requirebant. Ego tamen unicum verbum de ipsis dicam. Admonuit Steuchus in Psal. 18 tempore Davidis fuisse cantores qui psalmos a Davide editos modulate cantarent. hos **מְנַצְחִים** Menazechim vocabant. In his erat cantor, ut ego credo, quem nos magistrum capellae nominamus, quem Hebraei Victorem, seu **מְנַצֵּחַ** Menazeach dicebant».

⁵² *Ibid.*, p. 183; cf. BH³.

(Sim.), «in finem» (Teod.), «sela» (V cd.), «semper» (Jer.), «vere, seu veritas» (R. Abraão). D. Kimhi diz que a palavra deriva de «salal», que significa «elevant». Logo, «sela» indica que o cantor deve elevar a voz. Segundo outros, «sela» é voz de exultação e de triunfo⁵³.

Este apanhado revela, a par de uma excelente informação, o desejo de fornecer uma versão tão exacta como possível.

סָפָה (Zac 12, 2) é o poste que se põe em cima do gonzo.

E assim a Vulgata traduz por *superliminare*. Mas os intérpretes recentes dizem que o significado é «cálice». O exegeta de Coimbra não se pronuncia⁵⁴. Desta vez não prefere a Vulgata.

Controversa era a identificação dos כִּרְתִּים. S. Jerónimo tomou a palavra como nome comum, *perditorum* (gens). Para D. Kimhi, R. Salomão, Nicolau de Lira e Vatable, os *kerêtim* são os filisteus «Mas enganam-se. Pois os *kerethim* são os habitantes de Kereth. Ora Kereth era uma cidade pequena da Filisteia, contra a qual os amalecitas lançaram um ataque (1 Rc 30)»⁵⁵.

Efectivamente, os *kerêtim* estão aqui associados aos filisteus (*pelêtim*), mas representam os cretenses, como bem viram os LXX (cf. 1 Sam 30, 14; 2 Sam 8, 18; 15, 18 etc.)⁵⁶.

«Cidade grande para Deus» (Jon 3, 3: עִיר גְּדוּלָה לֵאלֹהִים) é um hebraísmo para dizer «cidade enorme» («maxima») ⁵⁷.

תָּאֵנָה (Na 3, 12), como «ficus» em latim, significa tanto a árvore como o fruto⁵⁸.

Terrivelmente difícil é o sentido de Na 2, 8: וַחֲצַב גִּלְתָּהּ הָעֵלְתָּהּ.

Ainda aqui Palácios embateu numa «crux interpretum» que permanece. «O significado desta linha está desesperadamente obscurecido. A primeira palavra apresenta um problema aparentemente insolúvel»⁵⁹. A Vulgata traduziu esse termo, חֲצַב, por *miles*. Parece ser um *hophal* de נָצַב, «estar colocado em posição». Podia também ser uma forma de צָבַב, mas este verbo é desconhecido

⁵³ *Ibid.*, p. 184.

⁵⁴ Cf. *ibid.*, p. 248.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 193.

⁵⁶ Cf. E. DHORME, *La Bible* (Pléiade), nota ad loc..

⁵⁷ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *In XII Prophetas...* p. 132.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 173.

⁵⁹ J. M. POWIS SMITH, *Nahum*, em P. M. POWIS SMITH et alii, *Micha Zephaniah Nahum, Habakuk, Obdiah and Joel* (ICC), Edinburgh 1966, p. 320.

em hebreu ⁶⁰. Palácios não se poupou a esforços. Depois de apontar a versão da Vulgata (*et miles captivus abductus est*), fornece três mais recentes:

Pagnino — «Huzab Regina captiva abducta est»;

Vatable — «Constitutum, seu potius statio captiva abducta est»;

Munster — «quae obfirmata fuit captiva abducta est».

E tenta a sua própria: «quod Regina Huzab custodiebat, captivum abductum est» ⁶¹.

A última nota filológica vai no original, para se saborear melhor. É o comentário a Jl 2, 13;

«Vehementer adverte quam pulchris coloribus Deus a Ioel pingatur. Vocat eum benignum, quod vocabulum Hebraeis est חָנֻן chanun, significans gratiosum, gratia plenum, clementem, non tetricum. (...) Secundo vocat eum misericordem. Hebraeis est רַחֻם rachum, quod descendit a rechem significante vulvam, et uterum. Quo significatur, Deum ita erga nos esse misericordem, ac si ex vulva, vel utero nos genuisset. (...) Tertio vocat eum patientem. Hebraeis est אֶרֶךְ אַפַּיִם erech apaim, quasi dicas tardus naribus, seu quod vulgata editio aliquando redidit, tardus ad iram. Nares enim pro ira accipi, tritum est. (...) Quarto vocat eum multae misericordiae רַב חֶסֶד rab chesed. (...) Quinto vocat Dominum praestabilem super maliciam נִחָם עַל הָרָעָה nicham al haraach. Hebraei, dolentem, et poenitentem super maliciam» ⁶².

Lendo o original hebraico, atendendo à sua fraseologia e à etimologia das palavras, capta-se melhor a beleza e a profundidade do que diz Joel sobre o amor de Deus, insinua Palácios. Se «misericordioso» vem em hebraico da raiz «útero», insinua-se imediatamente algo de carinhosamente maternal no amor de Deus.

Transferida em 1537 de Lisboa para Coimbra, a universidade foi cultivando com esmero cada vez maior as Ciências Bíblicas. A investigação do Antigo Testamento mostra, como acabamos de ver nos trabalhos dos seus lentes, alto rigor científico. Paulo de Palácios e Salazar, espanhol de nascimento, foi o primeiro lente de Sagrada Escritura a deixar uma obra notável. Além do Comen-

⁶⁰ *Ibid.*, p. 331.

⁶¹ P. DE PALÁCIOS E SALAZAR, *In XII Prophetas...* p. 170.

⁶² *Ibid.*, pp. 62-63

tário aos Profetas Menores, dedicado a D. João Afonso de Meneses, arcebispo de Braga, são ainda dos tempos de Coimbra as *In Evangelium secundum Matthaeum Enarrationes*, Coimbra 1564, etc., e *In Ecclesiasticum Commentarius*, Vila Verde dos Francos 1581.

O comentário que analisei é sucinto. Parcas são as referências ao original hebraico. Exíguas as observações de crítica textual e análise filológica. Mas umas e outras ilustram suficientemente o método e a preparação do exegeta. Interpretar exigia como pressuposto o domínio das línguas originais e o conhecimento dos filólogos e lexicógrafos judeus e cristãos. Palácios, como Heitor Pinto, domina o hebraico e lança mão dos hebraístas mais famosos, dos medievais (Kimhi, R. Salomão) aos mais recentes (Pagnino, Vatable).

Do contributo do Palácios coimbrão para o estudo do Antigo Testamento creio não haver muito mais a dizer. O mesmo não acontece com Frei Luís de Sotomaior e Frei Heitor Pinto. As suas obras volumosas não se podem analisar em meia dúzia de páginas. Enquanto me debruço sobre eles, deixo aos leitores uma amostra da pedagogia da escola coimbrã, que apontava para uma colaboração muito activa entre mestres e discípulos. Fala Marcos Romeiro, lente de Sagrada Escritura de 1545 a 1558:

«Polla menhã se faz huua lição que dura huua hora e mea, às vezes duas e logo acabada os auditores entre sy fazem conferentia e questões do que am ouvido e estou presente se ay alguma dúvida para lho satisfazer o melhor que souber. Logo depois de comer vam todos os ouvintes à eschola e repete hum a lição a qual acavada os outros argumentão contra elle e lhe põem as dúvidas que têm e o preceptor que está presente os corrige o melhor que pode. Todas as sextas feyras se têm huuas disputas mayores e hum dos ouvintes segundo sua ordem defende tudo o que se á lido toda semana»⁶³.

JOSÉ NUNES CARREIRA

⁶³ M. BRANDÃO, *Alguns Documentos de D. João III*, Coimbra 1937, pp. 50-51, citado em M. AUGUSTO RODRIGUES, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra...* p. 102.

Zusammenfassung

Unter den Professoren, die den Lehrstuhl Heilige Schrift im ersten Jahrhundert seines Bestehens (1537-1640) an der Universität Coimbra inne hatten, ragen Paulo de Palácios e Salazar (1560-1566), Luís de Sotomaior (1567-1589) und Heitor Pinto (1576-1580) hervor. Alle drei befassten sich überwiegend mit dem Alten Testament.

Der Aufsatz untersucht einige Stellen aus dem umfangreichen exegetischen Werk Heitor Pintos und den kurzen Kommentar von Palácios e Salazar über Die Zwölf kleinen Propheten. Textkritik und Geschichte kommen zwar dabei zu kurz, fehlen jedoch nicht ganz. Das Hauptgewicht liegt hingegen auf der philologischen Untersuchung und der genauen Übersetzung des masoretischen Textes.

Heitor Pinto versteht אֲדָמַם (Hah 2,4) als «rubicundus» und עֲצֻמּוֹתֵיכֶם (Is 41, 21b) als «firmamenta vestra», wie viele moderne Übersetzungen. Palácios behandelt schwierige Stellen wie Hos 13, 13-15, Hab 3, 19, Nah 2, 8 und weist auf Verwechslung von ב and כ als Ursache der Lesearten בִּשְׁחָר (MT) — *sicut mane* (Vg) in Hos 10, 15b hin.

JOSÉ NUNES CARREIRA